

# **CONTRIBUIÇÕES DA EAD PARA O BOM DESENVOLVIMENTO DO CURRÍCULO MÍNIMO DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

**Niterói – RJ – 04/2015**

Fernanda Sansão Mattos – AVM Faculdade Integrada – fesansaomattos@gmail.com

**Classe B**

**Setor Educacional B**

**Classificação das Áreas de Pesquisa em EaD B**

**Natureza B**

**RESUMO**

*O presente trabalho tem como objetivo apresentar a possibilidade de utilização da metodologia da Educação a Distância como estratégia para minimizar a dificuldade enfrentada por professores da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro em ministrar todo o conteúdo definido pelo Currículo Mínimo dentro da carga horária presencial de suas disciplinas. Pretende-se com isso discutir a utilização das novas tecnologias não presenciais tanto para criar novas oportunidades de construção de conhecimento como para estimular o interesse desta geração de alunos que já nasceu conectada a Internet.*

**Palavras chave:** EAD; SEEDUC; Currículo Mínimo.

Quando indagados sobre o que gostaríamos de fazer a respeito da EAD no Brasil, imediatamente voltamos nossa atenção para as reflexões e estratégias capazes de aprimorar as possibilidades de desenvolvimento da área, de aproveitamento pedagógico dos recursos e da consolidação da Educação a Distância enquanto metodologia de ensino de qualidade e respeitada pela comunidade acadêmica e pelo mercado de trabalho. Tentamos mostrar que não somos apenas uma transposição da tradicional educação presencial para o ciberespaço, mas sim uma forma nova de fazer educação, com suas próprias questões, ferramentas e estratégias.

A cada dia, conquistamos maior espaço e delineamos com maior clareza nossa identidade pedagógica. Sendo assim, podemos novamente voltar a atenção para o ponto de partida, preocupados não mais com o que nos diferencia da educação presencial mas sim com aquilo que podemos oferecer a ela. Muito se fala sobre a utilização de novas tecnologias no cotidiano das escolas, mas a discussão ainda é muito inicial quando se trata de analisarmos as possibilidades de aproveitar os momentos não presenciais de construção de conhecimentos dos alunos matriculados no Ensino Fundamental e Médio do ensino regular.

Tomando o Currículo Mínimo elaborado pela Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro como ponto de partida para a reflexão, o objetivo deste trabalho é explorar as possíveis respostas que a EAD tem a oferecer para os professores da rede, que em muitos casos sentem dificuldade em adequar o conteúdo de suas disciplinas à carga horária atribuída a ela.

## **1 - A carga horária da disciplina é insuficiente para o conteúdo. E agora?**

Na rede de ensino do Estado do Rio de Janeiro, todas as atividades e o planejamento dos professores deve ter como referência o Currículo Mínimo, documento criado pela Secretaria de Estado de Educação para definir os itens a serem tratados por cada disciplina nos respectivos anos de escolaridade e bimestres letivos.

De acordo com o próprio documento, o Currículo Mínimo leva em consideração “as condições e necessidades reais encontradas pelos professores no exercício diário de suas funções” (RIO DE JANEIRO, 2012, p. 2) e tem como objetivo criar uma essência comum a ser seguida por todos os profissionais da rede, garantindo assim o cumprimento das legislações, diretrizes e parâmetros curriculares, bem como a preparação dos alunos para os principais exames nacionais e estaduais.

No entanto, no cotidiano dos professores, nem sempre é simples planejar e ministrar todos os conteúdos do currículo mínimo dentro da carga horária de suas disciplinas. Em pesquisa com professores da rede do Rio de Janeiro para a elaboração desta comunicação<sup>1</sup>, a opinião predominante entre os entrevistados é a de que, diante da inviabilidade de se cumprir apropriadamente todos os itens do Currículo Mínimo, o professor acaba tendo que decidir entre deixar de abordar todos os conteúdos ou abrir mão do aprofundamento das questões, como exemplifica a seguinte fala de um dos professores entrevistados: “Dance conforme a música! Somos responsáveis em linkar o mundo da fantasia e o da realidade. Escolha o que for mais importante e o restante dê uma pincelada. Infelizmente esta é a realidade”.

Nas disciplinas de Sociologia e Filosofia, esta dificuldade se intensifica, visto que a carga horária semanal é de apenas um tempo de aula. Tomando como exemplo o Currículo Mínimo de Sociologia para o 2º bimestre da 1ª série do Ensino Médio, demonstrado na tabela abaixo, constata-se que o professor desta disciplina teria em média 10 aulas de 50 minutos, descontados os feriados, para trabalhar com seus alunos um tema complexo como “Cultura e diversidade”, não alcançando assim o aprofundamento necessário para a compreensão dos conceitos, nuances e implicações do mesmo.

| <b>Bim.</b> | <b>Tema</b>           | <b>Habilidades e Competências</b>   |
|-------------|-----------------------|---|
| 2º          | Cultura e diversidade | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar o homem como ser histórico e cultural e compreender a importância do conceito antropológico de cultura.</li> <li>• Compreender os problemas decorrentes da visão etnocêntrica e relativizar as diferenças culturais.</li> <li>• Compreender a dinâmica das mudanças culturais e sua relação com as transformações das sociedades.</li> </ul> |

**Tabela 1.** Currículo Mínimo de Sociologia para o 2º bimestre da 1ª série do Ensino Médio.

Diante destas dificuldades de aplicação real do documento, que se soma a outras discussões a respeito da diminuição de autonomia do professor através da imposição de conteúdos a serem ministrados, o Currículo Mínimo vem recebendo uma série de críticas nos últimos anos, que extrapolam os objetivos deste trabalho. O fim ou a adaptação do Currículo Mínimo, sem dúvida são temas a serem debatidos, mas, uma vez que ele existe e sua utilização vem sendo cobrada pela Secretaria de Educação, por hora nos ateremos pragmaticamente em desenvolver estratégias que tornem este planejamento educacional exequível com qualidade.

Para tanto, a pergunta fundamental que devemos nos fazer, e que a EAD já vem buscando responder desde a sua criação, é se a construção de conhecimento só ocorre na presencialidade, ou seja, quando educador e educando compartilham o mesmo momento no tempo e no espaço.

A resposta afirmativa a esta pergunta, em muitas esferas ainda tem como base uma visão bancária de educação, na qual Paulo Freire (2011) nos diria que o professor se vê como o responsável pela transmissão de conhecimento, depositando os conteúdos no receptáculo passivo que seria seu aluno. De acordo com este ponto de vista, em que o professor é a figura central da aprendizagem, dificilmente encontramos espaço para a autonomia do educando na construção de seu próprio conhecimento.

Se considerarmos, no entanto, a proposta pedagógica freiriana (2011) que defende que ensinar não significa transferir conhecimentos, e sim auxiliar o educando a construir seus próprios saberes, respeitando sua autonomia, sua vivência e suas próprias noções de mundo, torna-se cada vez mais significativo pensarmos que a educação não se restringe a sala de aula ou a copresença física do educador.

Assim sendo, para um melhor aprofundamento dos conteúdos do currículo uma excelente estratégia para os professores da rede estadual do Rio de Janeiro seria investir nos momentos de autoestudo do educando, construindo estratégias para que ele dê prosseguimento às investigações iniciadas em sala de aula nos momentos de distância. Para isso, o professor precisaria entender o seu papel de mediador da aprendizagem, que orienta e conduz o processo sem, contudo ser o único responsável por ele.

## **2 – Mas dever de casa não é só para fixar conhecimentos já construídos em sala de aula?**

Seguindo a tendência pedagógica de valorização da autonomia do educando, as tarefas prescritas pelos professores para serem realizadas em casa deixam de ser vistas como momento exclusivo de revisão e fixação dos conteúdos já apresentados em sala de aula, para tornar-se uma oportunidade interessante de permitir ao aluno explorar novas questões, realizar novas conexões e construções, aprimorando assim suas capacidade para pesquisar e refletir sem a presença do professor.

Isto implica, contudo, em desconstruirmos a visão que costumamos ter a respeito das atividades prescritas para casa. Como salienta Perrenoud (1995) o dever de casa como o conhecemos hoje possui uma aparência falsa de autonomia e diálogo com a família, sendo um procedimento pedagógico filiado à esta visão de centralidade da figura do professor, que se impõe ao aluno de forma coercitiva e cheia de penalizações diante da desobediência. Fazer o dever de casa torna-se assim quase que uma punição, que só desperta no aluno o desejo de resistir e rebelar-se contra os valores escolares que não lhe fazem sentido.

Na tentativa de encontrar um modelo de trabalho desenvolvido em casa pelo aluno que esteja verdadeiramente ancorado na busca de autonomia do educando, encontramos no arcabouço teórico da Educação a Distância uma reflexão rica em estratégias e metodologias. Afinal, a separação de educador e educando no tempo e espaço é a principal marca identitária da EAD e a questão fundamental sobre a qual se debruçam aqueles que a desenvolvem.

A EAD parte do princípio de que a educação não é dependente da aura mágica da presença do professor nem da transmissão oral que ele faz dos conteúdos. Por mais que esta estratégia, como todas as outras, tenha o seu valor, ela possui também as suas limitações e não pode se desenvolver sem a participação e a motivação do aluno. Podemos dizer que e a presença física do aluno em sala de aula não garante a presença de seu interesse e curiosidade pelo tema abordado, e a EAD pode ser uma ferramenta significativa para relembrar a educação presencial de que a verdadeira educação se dá através

da interação do aluno com os conteúdos, quando ele o investiga, questiona e manipula seus conceitos.

O trabalho desenvolvido fora da sala de aula, nos momentos de autoestudo, podem ser construídos para despertar novamente no aluno este desejo de envolver-se com conteúdo. No entanto, isto nos conduz a uma nova indagação, que diz respeito às formas e estratégias que permitirão que esta renovação de interesses seja possível. Se muitas vezes a presença e entusiasmo de um professor dedicado não é o suficiente para despertar a atenção dos alunos em sala de aula, a utilização do trabalho de casa para atingir este resultado torna-se ainda mais intrigante.

### **3 – Que estratégias e ferramentas posso utilizar para aproveitar os momentos de autoestudo de meus alunos?**

Com a afirmação provocadora de que em muitas salas de aula espalhadas pelo Brasil as aulas ainda são ministradas por professores oriundos do período Cretáceo, que se apegam a visões ultrapassadas sobre o que deve ser a educação e suas práticas pedagógicas, Celso Antunes (2007) defende que uma boa aula depende da percepção do educador de que a escola e suas metodologias não podem ser as mesmas uma vez que a sociedade, os alunos e a tecnologia não são mais as mesmas.

Sentados em nossos bancos escolares, encontram-se jovens que já nasceram conectados a Internet, e se quer imaginam um mundo em que ter um telefone fixo para a família inteira fosse considerado um luxo. Sendo assim, torna-se fundamental que os educadores façam uso desta tecnologia, e do interesse destes jovens de utilizá-las para buscar por novidades para tornar a construção de conhecimento mais dinâmica, interessante e significativa.

Como afirmam Maia e Matar (2007) o ponto fundamental para o bom desenvolvimento da Educação a Distância, que neste contexto estenderemos para a educação como um todo, é a versatilidade do educador e das instituições de ensino em construir uma “caixa de ferramentas” rica e balanceada para elevar o nível do trabalho desenvolvido e aperfeiçoar o

processo de ensino e aprendizagem. O desafio, segundo os autores, é montar uma caixa de ferramentas simples e eficaz diante da abundância de possibilidades e combinações encontradas no mercado, seja através de ferramentas pagas ou de uso gratuito, cabendo aos professores e instituições de ensino compreender as riquezas e fraquezas de cada tecnologia, testando-as sempre.

Veremos a seguir, alguns recursos que podem ser utilizados pelos educadores para potencializar as oportunidades de construção de conhecimento nas atividades realizadas em casa.

### **3.1 – Ferramentas de busca**

Através de qualquer ferramenta de busca encontrada na Internet, sendo o Google a mais utilizada atualmente, o aluno está a apenas um clique de distância de uma infinidade de novas informações a respeito de qualquer assunto apresentado pelo professor. Muitos afirmam que esta facilidade diminui a capacidade de síntese e reflexão durante a pesquisa, uma vez que as respostas já estão prontas, o que faz com que o aluno simplesmente recorte e cole textos já prontos e pense muito pouco a respeito deles.

Cabe então ao professor formular perguntas mais interessantes, que dialoguem com a vida cotidiana do aluno, incentive a correlação de diferentes assuntos e motive a produção de um material completamente novo e autoral por parte do educando.

Mesmo antes da Internet, as informações sempre estiveram dadas e a verdadeira ferramenta de aprendizado era a manipulação delas para a construção de um pensamento novo. Neste sentido os sites de busca devem ser explorados pelo professor como ponto de partida e não como fim em si mesmo, orientando seus alunos a pesquisar utilizando as devidas referências e valorizando as opiniões e percepções que eles têm sobre o conteúdo.

### **3.2 – Podcasts e audiocasts**

O podcast é uma mídia em áudio utilizada de forma bastante similar ao rádio, mas que pode ser acessada a qualquer momento na Internet. No Brasil,

os podcasts possuem majoritariamente um modelo em que os participantes debatem um determinado assunto, apresentando fatos e informações relevantes juntamente com seus próprios pareceres e opiniões sobre o tema. Os audiocasts, surgidos pouco tempo depois, trouxeram este modelo para o vídeo, tendo o site Youtube como principal forma de armazenar e distribuir este conteúdo.

Os programas existentes atualmente em língua portuguesa possuem uma linguagem informal e um formato audiovisual bastante atrativos para o público jovem. Cabe ao professor familiarizar-se com este conteúdo e atuar como curador de material interessante para seus alunos. Considerando também as funcionalidades de qualquer celular ou computador pessoal, por mais simples que seja, é interessante que o professor estimule seus alunos a produzirem seu próprio material, utilizando a câmera do celular, o microfone do computador e as ferramentas gratuitas de edição e compartilhamento deste material.

### 3.3 – Redes sociais

As redes sociais, como Facebook, Instagram e Twitter são utilizadas diariamente pelos jovens de diferentes classes sociais para manterem-se conectados uns com os outros, com as pessoas cuja opinião e estilo de vida lhes interessa e para se atualizar com as notícias e acontecimentos mais recentes. Portanto, é extremamente interessante para o professor criar possibilidades de aprendizagem dentro destas ferramentas.

Isto pode ser feito na forma de curadoria, indicando aos alunos páginas que publiquem material relevante para a sua disciplina, ou até mesmo utilizando a ferramenta como ambiente interativo entre alunos e conteúdos. Publicações feitas pelo próprio professor podem despertar o interesse e incentivar o debate, transformando o espaço de comentário das postagens em fórum de discussão mediado e moderado pelo educador.

### 3.4 – Jogos

Os jogos representam outra alternativa interessante de produção de conhecimento, que justamente pela ludicidade na abordagem dos conceitos já foi amplamente utilizada pela educação presencial. O que a Internet possibilita é a sofisticação desta metodologia, dando a ela uma roupagem mais atrativa para a geração de nativos digitais.

Existem hoje no mercado uma infinidade de jogos, individuais ou cooperativos, que podem ser acessados pelos alunos com equipamentos mais ou menos sofisticados, em plataformas pagas ou gratuitas. Cabe ao professor explorar previamente a ferramenta para identificar as estratégias que melhor se adequam ao seu conteúdo e aos seus alunos.

Esta, bem como todas as tecnologias apresentadas anteriormente, torna-se ricas em possibilidades de acordo com o planejamento do próprio professor, pois ainda que ele não seja mais entendido como ponto focal do processo de aprendizagem, sua atuação ainda é fundamental na condução deste processo. Cabe a ele investigar os diversos recursos tecnológicos que podem ser utilizados para tornar mais interessante e produtivo o trabalho realizado em casa pelos alunos, experimentando as possibilidades anteriormente mencionadas e encontrando ainda outras, que dialoguem diretamente com as especificidades de sua disciplina.

Não desconsideramos o desafio que a utilização destas tecnologias representam, principalmente se levarmos em conta que a vastidão de possibilidades dentro da Internet torna o controle do professor sobre o processo muito mais frágil se comparado ao ambiente restrito da sala de aula. No entanto, a beleza da educação reside justamente em encontrar a maneira mais harmônica e produtiva de captar e manter a atenção de seus alunos.

#### **4 – Considerações finais.**

Como vimos ao longo desta comunicação, os tempos presenciais de aula nem sempre são suficientes para o desenvolvimento e aprofundamento dos conteúdos mínimos fixados pela Secretaria de Educação do Rio de Janeiro, o que faz com que muitos professores se sintam obrigados a escolher entre sacrificar a completude do currículo ou o aprofundamento das temáticas.

Neste sentido, as tecnologias e metodologias utilizadas pela EAD surgem como uma indicação aos professores da rede de que é possível aproveitar os momentos não presenciais de estudo dos alunos para desenvolver o currículo com qualidade.

A geração de alunos que atualmente encontra-se em sala de aula nasceu e desenvolveu-se fazendo uso dos recursos digitais para interagir com o mundo e saciar a sua curiosidade, e esta realidade deve ser utilizada a favor da educação, desde que de forma planejada e norteada por objetivos que orientem a utilização dos recursos. Trata-se de transformar o professor em mediador da aprendizagem mesmo nos momentos em que ele não compartilha o tempo e o espaço com seus alunos.

Este novo posicionamento configura um desafio, especialmente para aqueles educadores que ainda se mantêm resistentes a se incluírem digitalmente. No entanto, as possibilidades de contribuição da EAD ao modelo tradicional de educação escolar são vastíssimas e abrir a porta para este diálogo é apenas o primeiro passo para superar as discussões de presencial ou distância e passarmos a falar simplesmente de educação.

## **Referências**

- ANTUNES, Celso. Professores e professauros: reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MAIA, Carmem; MATTAR, João. ABC da EAD: A educação a distância hoje. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- PERRENOUD, Philippe. Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar. Porto: Porto Editora, 1995.
- RIO DE JANEIRO. Currículo Mínimo: sociologia. 2ª Edição. Rio de Janeiro: SEEDUC, 2012.

---

<sup>i</sup> Para a realização desta comunicação foram ouvidos 17 professores da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro, no período entre os dias 3 a 6 de maio de 2015.